

HOMEOPATIA AGRÍCOLA: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO¹

VILLAR, Juliana Padula; TEIXEIRA, Thais Helena; CRISCUOLO, Myriam Raffaella Rabelo; BARBOSA, Willer Araújo.

Mestranda em Geografia, Universidade Federal de Rio Grande (FURG)
(juliana.padula@yahoo.com.br)

Graduanda em Cooperativismo, Universidade Federal de Viçosa (UFV)
(thaishel.efa@hotmail.com)

Graduanda em Agronomia, Universidade Federal de Viçosa (UFV)
(mycriscuolo@hotmail.com)

Professor do Departamento de Educação, Universidade Federal de Viçosa (UFV)
(wbarbosa@ufv.br)

Resumo: Em 2011, teve início o curso de Homeopatia Agrícola no assentamento Padre Jésus, localizado no município de Espera Feliz (Minas Gerais, Brasil), formado por 21 famílias de agricultores familiares, que passaram sua vida aprendendo e praticando uma agricultura patronal. O curso é uma estratégia adotada pelo movimento dos trabalhadores rurais local, para se realizar uma transição de modelos homogeneizantes de agricultura para práticas agrícolas mais sustentáveis no processo de ocupação da área do assentamento. Foi construído e ministrado pelo agricultor e homeopata Amauri Adolfo, com apoio do STR de Espera Feliz, do Programa de Extensão TEIA da Universidade Federal de Viçosa-MG e da Ong CTA-ZM. Desde a fundação do assentamento (2010), existe um projeto de criação de uma Escola Família Agrícola (EFA) naquela área. A EFA traz uma proposta de educação voltada para a realidade dos que vivem e desejam permanecer em áreas rurais, pois possibilita conjugar a formação escolar com as atividades e tarefas na unidade produtiva familiar, sem desvincular-se da família e da cultura do meio rural. O curso de homeopatia agrícola surge como um embrião da futura escola, ainda em fase de gestação. Foram realizados, em 2011, dez módulos presenciais do curso, onde os temas estudados e as metodologias variadas possibilitaram ao grupo reflexões a partir da prática acerca da saúde humana e da sua relação com o ambiente.

Palavras-chave: educação do campo, agroecologia, desenvolvimento rural.

¹ Trabajo presentado en las XI Jornadas de Investigación de la Facultad de Ciencias Sociales, UdelaR, Montevideo, 10-12 de setiembre de 2012.

O contexto de surgimento da ideia

O Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais da Zona da Mata mineira surge a partir das Comunidades Eclesiais de Base durante a década de 1980, na perspectiva do que ficou conhecido como sindicalismo cidadão ou oposição sindical vinculado à Central Única dos Trabalhadores (CUT). Num primeiro momento, o trabalho do sindicato era de mediação, responsável pelo acesso dos trabalhadores rurais aos serviços de saúde, o que contribuiu para diminuir relativamente a dependência desses em relação ao patrão.

A inserção da agricultura familiar na agenda das políticas públicas federais que a partir da década de 1990 trouxe mudanças na atuação da organização. Além disso, no final da década de 1980, com a relação com o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) é incorporada a perspectiva das tecnologias alternativas e, mais recentemente, a terminologia agroecologia - ao mesmo tempo ciência e movimento. Esses novos sujeitos sociais re-configuram a realidade organizativa da região e passam a demandar temáticas práticas, até então ativamente produzidas como ausentes, para as políticas públicas. Dentre elas a educação contextualizada, que tomou nome de educação do campo.

Assim, o movimento sindical de trabalhador@s rurais da região enquanto autor de suas próprias organizações inicia uma complexa tessitura social - internamente aos sindicatos e não apenas de sua categoria social, e externamente com outros agentes e atores de organizações governamentais e não governamentais. Atualmente vem ressignificando uma gama densa de transformações sociais, seja no campo agrário, seja no agrícola, seja no educacional, entre outros. Exemplos não faltam de suas exitosas ações conjuntas e mesmo específicas de cada STR, ainda que também se possa ressaltar contradições desses mesmos sucessos. A participação ativa em tensas negociações e articulação locais, regionais, estaduais, nacionais e internacionais demonstra o caráter resistente, um tanto visionário, daquele povo, que desde o processo colonial brasileiro vem sendo sistematicamente desprezado; podemos destacar algumas dessas articulações, a saber: cooperativas de crédito e de produção, federações de trabalhadores rurais e da agricultura familiar; articulações agroecológicas, enfim, uma miríade de iniciativas que exigem trabalho tanto na base social quanto nas instâncias das políticas públicas. Não

podemos deixar de destacar a forte expansão do sistema de ensino EFA na região, também protagonizado pelo movimento.

É conectado a este contexto que o Programa Teia/UFV, em execução desde 2005, vem fortalecer o movimento EFAs-ZM. Passa a desenvolver projetos, ações e atividades com o desenho de formar profissionais sensíveis às alternâncias educativas e à agroecologia, iniciando assim uma Articulação das EFAs da Zona da Mata. Essa articulação se concretiza a partir de um Curso de Educação em Solos e Percepção Ambiental, ministrado em alternância presencial bi-mensal durante o ano de 2008 e que desemboca na emergência do que passa a ser chamado de Articulação das EFAs da ZM, e que ocorre tri ou quadrimestralmente, alternadamente nas sedes das EFAs e que procura dar visibilidade e inteligibilidade aos desafios e avanços internamente ao sistema e movimento EFA, com participação dos três segmentos - educadores, educandos e associados - de cada EFA.

Foi num desses encontros da Articulação, em dezembro de 2010, que surge a demanda do apoio e fortalecimento do trabalho de base - um dos instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância - para a consolidação da EFA Rosa Fortini no Assentamento Padre Jesus, no município de Espera Feliz, e que toma a feição de um Curso de Homeopatia Agrícola, objeto deste trabalho.

O assentamento Padre Jesús

Buscaremos relatar e expor algumas reflexões acerca dos trabalhos educativos que se processam no assentamento Pe. Jesús, no município de Espera Feliz, ao norte da Zona da Mata mineira, formado a partir de uma compra conjunta de terras, proporcionada pela Política Pública do Crédito Fundiário. São vinte e uma famílias de trabalhadores e trabalhadoras rurais com trajetórias de vida distintas, que se unificam no fato de nunca terem sido donos de sua própria terra e que há cerca de dois anos se constituem como uma comunidade. Estas famílias ocupam um território com terras degradadas, tomada pela braquiária e agora tem o desafio de reconstruir suas histórias, dando vida à suas propriedades.

Após muitas reuniões, o primeiro passo a ser dado com a conquista da terra foi a construção das casas e depois o plantio do café. Um dos maiores problemas identificados pelas famílias vem a ser o pasto degradado tomado pela braquiária e que

este enfrentamento se torna uma importante e urgente aprendizagem. Essa urgência parece óbvia, tem como pressão a assistência técnica que incrementa a aplicação de agrotóxicos, além da dificuldade em encontrar alternativas imediatas de manejo ambientalmente saudável dessa espécie em predominância em toda a área, em função da lógica monocultural do latifúndio. As organizações sociais do município vinculadas ao movimento de trabalhador@s rurais vem enunciando que são pessoas que passaram sua vida aprendendo a agricultura patronal e que precisam, portanto, se reconverter a uma agricultura agroecológica.

Neste contexto o Assentamento recebe um Curso de Homeopatia Agrícola que pretende apoiar a conversão agroecológica das famílias agricultoras que há pouco tempo o habitam. O Curso constitui ferramenta importante nesse contexto já que a Homeopatia, enquanto ciência possui um arcabouço de conhecimentos e recursos tecnológicos apropriados à intermediação no processo de transição da produção convencional para os modelos ecológicos de produção (ANDRADE e CASALI, 2011). Além disso, partindo da compreensão de que os princípios da homeopatia são coerentes com a produção material e imaterial agroecológica, “a homeopatia é ferramenta ao se trabalhar a agroecologia e o desenvolvimento rural sustentável, por reconhecer a dinâmica dos processos vivos da natureza, o processo de adoecimento e cura, e as leis naturais de equilíbrio” (CUPERTINO, 2008).

O Curso de Homeopatia Agrícola

O curso é ministrado por um agricultor, poeta e homeopata do município, Amauri Adolfo da Silva, com o objetivo, também, de resgatar a história de vida daquelas pessoas. Esse curso assume, além dessa, a função terapêutica das pessoas e da agricultura, ou seja, uma função precípua de reconversão produtiva agroecológica; além de valorizar as Associações locais no sentido de se assumirem como gestoras da futura Escola Família Agrícola que se implantará no local; e de geração de elementos curriculares fundamentais a constarem no Projeto Político Pedagógico (PPP) adequado ao Calendário Agrícola da região.

O Curso contou com participação efetiva de 15 pessoas, a maioria jovens e mulheres do local. Foram realizados 10 módulos presenciais com duração aproximada de 6h cada e 5 visitas de acompanhamento com duração de 2 dias cada. Durante o período de alternância entre os módulos presenciais visitamos as famílias para entender e

acompanhar o processo de apropriação das práticas e atividades do curso. Portanto, ocorreu presença da equipe responsável por este estudo praticamente a cada 15 dias. Nesse período, também foram realizadas reuniões preparatórias para sistematizar as discussões do módulo anterior, dialogando com as demandas expostas pelo ministrante e pelas educandas e educandos que participam do curso, para assim preparar as atividades do próximo módulo.

Na busca de apoio material às atividades do curso, foram providenciadas cartilhas informativas e didáticas produzidas pelo Programa de Divulgação da Homeopatia, Plantas Medicinais e Agricultura Orgânica da UFV, pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata e pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Espera Feliz, sendo este, como já ficou afirmado, responsável pela iniciativa de articular o curso com outros parceiros do Projeto. Também buscamos recursos para a produção de biofertilizantes e caldas naturais e outros para a produção de homeopantias para utilização pelas pessoas, junto a estes parceiros.

Assim, as vivências do Curso de Homeopatia Agrícola no Assentamento Pe. Jesús seguem num processo etnográfico metodológico participativo e de pesquisa-ação, buscando todos esses elementos junto à comunidade. A intenção da equipe é se inserir na realidade dos sujeitos educand@s. Essa inserção se dá de acordo com as intencionalidades, necessidades e confiança expostas pelos sujeitos do processo. No processo educativo, apropriamo-nos de instrumentos da *Pedagogia da Alternância*, pois consideramos que há uma alternância educativa entre o tempo de curso e o tempo comunidade e entre práticas agrícolas convencionais e agroecológicas.

A cada módulo mensal um educand@ acolhia o curso em sua propriedade. Especificamente neste curso, passamos a enxergar essa itinerância também como forma de alternância. Tal movimento indica que além de tempo alternam-se espaços, sujeitos e temáticas permitindo um fazer mais condizente com a realidade dos mesmos. Nesta itinerância torna-se evidente que @s educand@s se tornem autores do próprio processo educativo. Desta maneira a itinerância entendida como uma forma de alternância educativa potencializa as discussões acerca da realidade local.

A cada módulo se desenvolveu uma prática agroecológica e ou homeopática que era monitorada durante as visitas. Em todos os módulos utilizou-se o posicionamento em *círculo de cultura* como forma de manter as pessoas umas de frente para as outras,

fazendo também circular a energia entre o grupo. Isso possibilitou o compartilhamento de vibrações e pensamentos, o que ajuda na cura pessoal e também na cura coletiva, que é uma das propostas do curso. Outra prática comum a todos módulos foi a leitura de textos e orações que trouxessem a interiorização de alguns questionamentos de cunho existencial de modo que o conhecimento compartilhado também pudesse “crescer na vida e no coração” de cada participante. As reflexões referentes às temáticas a serem estudadas eram realizadas através do estudo da teoria e de práticas a respeito da agroecologia e, também, de caminhadas nas propriedades para a identificação dos principais problemas enfrentados pela família que estava acolhendo os participantes.

Para a consolidação das práticas agroecológicas a presença educativa do agricultor ministrante se tornou fundamental no sentido da troca de saberes. O educador dotado de experiências pôde apontar problemas e propor soluções acessíveis às famílias. Esse mote educativo garantiu o desenvolvimento das atividades propostas tornando as experiências mais sólidas e visíveis, uma vez que se discutia a partir das dúvidas em relação à melhoria da produção e a qualidade de vida das famílias.

O Processo educativo do curso de homeopatia: o embrião da futura EFA

Todo esse processo educativo tem como foco a formação das famílias, futuras gestoras da EFA que, com o tempo, tendem a conhecer e se apropriar da alternância e da agroecologia, fazendo com que a associação pró-EFA tome força e crie autonomia. Assim o Curso pode ser considerado como um instrumento pedagógico de enraizamento, pois a didática e as temáticas desenvolvidas visam trazer elementos do cotidiano, gerar autoconhecimento e conhecimento geral da comunidade. Para atingir tal objetivo buscamos junto ao instrutor, motivar, ao longo do curso, a socialização do caminhar individual e coletivo. Trazer à tona representações que pudessem contribuir para o processo de conversão agroecológica e compreensão de como as diversas temáticas incidem na vida das pessoas e na comunidade. Neste sentido, o Curso - este próprio entendido como um Instrumento Pedagógico, - já vem gerando dispositivos pedagógicos que podem e devem ser assumidos como a dimensão didática na EFA Rosa Fortini.

Assim, a implantação da EFA Rosa Fortini passa por um rico processo de debates e práticas na realidade onde irá atuar diretamente. Se desde 2009, já há um espaço físico para seu funcionamento, a partir de 2011, a mobilização gerada durante o Curso passa a

trazer um potencial educativo da formação de base para seus futuros gestores. Hoje as EFAs já encaparam as discussões e práticas da educação em agroecologia, saúde, gênero, geração, economia popular solidária, cultura, entre outros dos temas da contemporaneidade em seus PPPs. E serão tais temáticas que poderão contribuir para uma fundamentação teórica do PPP, cujo valor e prática sejam a coletividade, a organização social, a cooperação, a solidariedade, a terra, o trabalho, a fim de favorecer os processos de ressignificação do mundo rural na direção da transição agroecológica.

O PPP é o ponto de partida do Plano de Formação, dos instrumentos pedagógicos e de toda a formação dos jovens das EFAs. É a partir dele que são elaborados os temas que serão pesquisados no plano de estudo, os conteúdos estudados em sala de aula e todas as demais atividades formativas dentro da escola e no período de alternância. Ou seja, a formação dos educandos de acordo com a realidade local depende de um PPP adequado às especificidades da comunidade e da região. Seja na perspectiva da soberania alimentar, seja na de preservação ambiental, seja na geração de dignidade e de igualdade entre todas as pessoas e entre essas e as demais dimensões da natureza, esse curso traz consigo importantes discussões ao cotidiano desta comunidade e da futura EFA.

No entanto, considerando o valor imaterial da educação no contexto apresentado percebe-se, durante o processo de trabalho, que há frágil mobilização para a consolidação da EFA Rosa Fortini. Então como afirmar que num ambiente onde quase não se cita a Escola Família Agrícola ela já está viva?

Num contexto de organização sindical estruturada, mas que o associativismo em função da criação da EFA é pouco expressivo surgem alternativas para mobilizar com a comunidade o desenvolvimento desse projeto escolar EFA. Aqui se reafirma a necessidade de se compreender que o próprio curso, apropriando-se das alternâncias educativas, pode ser considerado instrumento pedagógico no que se refere ao dito trabalho de base, uma vez que, de forma participativa e em regime de alternância, já se geram possíveis futuros monitores na própria comunidade, se compõe e se recompõe a formação e o fortalecimento de parcerias, já se processam as visitas às casas e comunidade. Isso é ou não uma EFA aparecendo?

Nós, equipe de pesquisa, assumimos nesse processo, o papel de educador@s/educand@s colaborando com as atividades do curso de forma a apoiar o

desenvolvimento e resgate das práticas agroecológicas na comunidade, não só no grupo, mas também individualmente. Conviver com a comunidade, visitá-la, criar laços fortes e profundos, faz com que nosso “educar” seja ainda mais nos educar, buscar compreender e refletir como tornar nossas ações mais proveitosas, principalmente com as pessoas que ali vivem. Cada educador@ deve também se educar, se aproximar da realidade que pretende interferir, conhecê-la, para que as ações sejam condizentes com as expectativas dos atores/sujeitos. Sendo assim, esta questão trabalha com uma inversão, ou seja, alterna de um lado a outro as bi-polaridades, pois demonstra que, em primeiro lugar, a educadora deve se converter à realidade dos educandos como uma educanda. E, por outro lado, a educanda passa a ser compreendida como educadora de sua própria realidade. Quando se assume esse papel de educad@r/educand@, assume-se um compromisso com a realidade local, com as famílias e suas práticas diárias, com suas inquietações, assume-se o compromisso de valorizá-las, de torná-las mais consistentes e, com o grupo, sistematizá-las e redescobri-las. Esse compromisso se torna claro ao percebermos a importância de nossas ações, de nossa presença naquela comunidade, evidenciando que os laços estão se tornando mais fortes. Portanto, é a partir da postura de aprendizagem e de transformação das condições locais que educador@s-educand@s e educand@s-educador@s interagem na configuração daquele mundo vivido. Ao mesmo tempo, ressalta-se o papel de apoio aos verdadeiros protagonistas do processo educativo social.

ANDRADE, Fernanda Maria Coutinho de. ; CASALI, Vicente Wagner Dias. 2011. “Homeopatia, agroecologia e sustentabilidade”. *Rev. Bras. de Agroecologia*. 6(1) : 49-56.

BEGNAMI, João Batista. *Formação Pedagógica de Monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternâncias* - Um Estudo Intensivo dos Processos Formativos de cinco Monitores. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre, em Ciências da educação, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e do Diplôme d’Université na Université François Rabelais de Tours. Belo Horizonte – MG, Dezembro de 2003.

CUERTINO, Maria do Carmo. *O Conhecimento e a Prática Sobre Homeopatia Pela Família Agrícola*. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, para obtenção do título de “Magister Scientiae”. Viçosa – MG, 2008.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia de Pesquisa-Ação*. 1986. 2ª edição, São Paulo, Cortez: Autores Associados, Coleção temas básicos de pesquisa-ação.

TORRES, Carlos Alberto; GUTIÉRRES, Francisco; ROMÃO, José Eustáquio;
GADOTTI, Moacir; GARCIA, Walter Esteves. 2003. *Reinventando Paulo Freire no
Século XXI*. Brasil: Instituto Paulo Freire.



UNIVERSIDAD
DE LA REPÚBLICA
URUGUAY